

Robert Oakley

RESUMO: O objetivo deste trabalho consiste em cotejar dois romances famosos da Belle époque carioca, tentando situá-los tanto na história do realismo urbano europeu oitocentista como na história do realismo-naturalismo no Brasil. O ensaio inclui algumas considerações sobre a sorte canônica dos dois romancistas.

PALAVRAS-CHAVE: Coelho Neto, Lima Barreto, arrivismo, realismo, *Belle époque*.

Depois de morrer Machado de Assis em 1908, o romancista brasileiro que desfrutou em vida de mais prestígio foi, sem sombra de dúvidas, Coelho Neto. As primeiras duas décadas do século XX constituem, na opinião dos poucos críticos a prestar-lhe atenção, a sua melhor fase. Porém, falecido em 1934, o escritor maranhense virou um ilustre desconhecido da história da prosa de ficção brasileira. No caso de seu contemporâneo, Lima Barreto, aconteceu o oposto. Menosprezado e ignorado em vida pela elite intelectual carioca (embora admirado pelos modernistas homéricos), sua postura comprometedora para com as questões sociais mais cruciantes no Brasil de sua época ganhou para ele, tardiamente, um imenso prestígio póstumo. Acontece, no entanto, que o romance hoje em dia mais bem conceituado de Coelho Neto, *Turbilhão* (1906), trata, pelo menos no início, da vida jornalística carioca, meio que Lima Barreto iria escolher como cenário principal de seu romance de estréia, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* (1909). Cotejamos brevemente essas duas obras, tentando situá-las na história do realismo urbano fora e dentro do Brasil, passando em revista as credenciais realistas dos dois escritores para tentar destacar a contribuição desses romances ao desenvolvimento da narrativa urbana brasileira. O cotejo não é guiado por nenhuma idéia de subordina-

ção de um romance em relação ao outro, mas pelo intuito de inscrevê-los dentro de uma tradição realista brasileira.

É claro que quem estude seriamente a vida e obra de Lima Barreto não pode evitar a figura de Coelho Neto. A crítica costuma contemplar Coelho Neto como o romancista da República Velha que mais se contrapõe a Lima Barreto. É só ler o artigo, muito citado, dedicado por Lima Barreto a Coelho Neto em 1918 para ver o que, aos olhos de Lima, o escritor maranhense representava no mundo literário de seu tempo:

O senhor Coelho Neto,[...] não se impressionou com as mais absorventes preocupações contemporâneas que lhe estavam tão próximas.

As cogitações políticas, religiosas, sociais, morais, do seu século, ficaram-lhe inteiramente estranhas. Em tais anos, cujo máximo problema mental, problema que interessava todas as inteligências de quaisquer naturezas que fossem, era uma reforma social e moral, o senhor Neto não deu para o estudo das soluções apresentadas um pouco do seu grande talento. (BARRETO, 1956, p. 75)

Será justo, aos olhos do leitor de hoje, esse julgamento feroz onde Lima Barreto acusa Coelho Neto de ser um escritor completamente desinteressado, alheio às questões imediatas e urgentes de sua época? Tentamos reformular esta questão através de uma rápida releitura de *Turbilhão* e *Recordações do escrívão Isaías Caminha* que, além de ser o romance de estréia de Lima Barreto, é o romance mais programático que ele escreveu. Em 1918, Lima Barreto acusou Coelho Neto de ser um escritor sem compromisso e sem programa. O realista clássico normalmente tem um programa, mas será este a credencial obrigatória?

Paulo Jove é estudante de medicina e revisor de jornal de meio expediente que mora com a mãe, Dona Júlia, uma senhora idosa já viúva, e com a irmã, Violante. Num dado momento, Dona Júlia descobre que Violante fugiu com um amante ou sedutor. A notícia abala a família, temendo eles a desonra quando a notícia se divulgue na vizinhança. Na realidade, Paulo vai se valer do desgosto, pois, por falta de ânimo, resolve não voltar para a redação e abandonar os estudos. Deixa-se envolver com a concubina de um antigo servente e agregado da família, o Mamede, e começa a freqüentar casas de jogo. O retrato de Paulo, revisor de jornal, a descrição do ambiente jornalístico e as buscas frenéticas do jovem para

localizar a irmã fugida, apresentam-nos as evidentes credenciais de um mundo romanesco balzaquiano, mistura de *Ilusões perdidas* e *A prima Bette*. A cidade do Rio não oferece resposta nenhuma às cismas e perguntas de Paulo. Permanece vagamente hostil e opaca. Paulo pede auxílio ao antigo servente da família, o Mamede, que virou malandro, e assim conhece a sua concubina, Ritinha. As buscas de Violante e uma crescente obsessão por Ritinha realmente não passam de pretexto para não encarar o seu próprio destino. Assim se pode dizer de outro vício que aos poucos toma conta dele: o jogo. Finalmente, por azar, nos camarotes de um teatro Paulo se encontra com a irmã:

Mas aquela temerária aventura da irmã, apenas indicada em um nome – “Buenos Aires”, a viagem, a instalação, o gozo bem desfrutado na opulenta cidade, a vida entre beijos e flores, em palácios dum e doutro, foram-lhe, a pouco e pouco, despertando um árdego desejo carnal. E admirava aquela audácia feminina, decompunha aquela vida, seguindo mentalmente todos os passos da irmã; a bordo, na terra estrangeira, pompeando em luxo régio nas frisas deslumbrantes, rodando em carruagens de molas flácidas, tiradas por parelhas de raça, esplêndida, sedutora nas suas formas rijas, mal desabrochadas, rolando em leitos forrados a seda, à luz velada de lâmpadas coloridas, em quartos nobres de palácios. (NETO, 1967, p. 239-40)

Segundo a tese de René Girard, o romancista realista descobre e propõe uma mediação, conforme a qual, a educação sentimental do personagem declara que o desejo fundamental e premente dele requer um modelo ou um mediador para designar seus objetos na vida, e que esse desejo é decorrente da imitação de outros desejos e dos desejos de outrem. (GIRARD, 2001) Evidentemente, o mediador deve ter prestígio – como tinha no Rio de Janeiro da *Belle époque* a cidade de Buenos Aires. Assim sendo, Coelho Neto revela-se bem mais realista do que Lima Barreto supunha. O prestígio do mediador impõe ao objeto de desejo um valor ilusório. Se Dom Quixote não estivesse a imitar os heróis cavaleirescos, não haveria ilusão nenhuma. Madame Bovary não teria transformado os amantes em príncipes ideais se não estivesse a imitar suas heroínas românticas. Em *Turbilhão* esse desejo “metafísico”, segundo a tese de Girard, encontra-se com desejos reais no triângulo constituído por Paulo, Violante e Ritinha. A obsessão com a desonra de Violante e a obsessão com o atual

objeto de desejo sexual de Paulo, Ritinha, encontram-se e entrelaçam-se finalmente, como ameaçaram fazer ao longo da história. Doravante, a presença carnal da irmã desvanece porque Paulo consegue se aposar da Ritinha; mas, o poder mediador girardiano permanece na imaginação do rapaz, conhecedor da aventura da irmã em Buenos Aires, cidade cuja força mítica (recurso retórico clássico do ficcionista urbano realista oitocentista) concretiza o sonho de riqueza e sucesso social ganhos sem esforço – sucesso que Paulo não terá nunca, nem na casa de jogatinas, nem na sala de aula de medicina. Nas últimas páginas, o leitor dá-se conta que, ao longo da narrativa, Coelho Neto foi urdindo magistralmente um caso de bovarismo. O realismo balzaquiano se transforma em decadentismo e num pessimismo mórbido do qual Flaubert, como sabemos, e sem que ele mesmo nunca pudesse imaginar ao compor *Madame Bovary*, havia de ser o pioneiro.

Chegou o momento de assinalar alguns traços que os nossos dois romances têm em comum. O espaço predominante é urbano. Os dois protagonistas são estudantes. Esses protagonistas, em determinada fase das histórias relatadas, trabalham numa redação de jornal carioca. Os dois são fascinados pelo pólo de atração que é a grande cidade. Há, no entanto, pelo menos duas diferenças fundamentais: primeiro, a história de Paulo Jove é relatada em terceira pessoa e a de Isaías Caminha em primeira pessoa; e segundo, Paulo é carioca enquanto Caminha é provinciano; ou seja, Paulo é um “homem de dentro” e Caminha, um “homem de fora”. Pedimos desculpas pela terminologia desajeitada, mas acontece que uma terminologia adequada à gramática do realismo urbano ainda não existe. Assim sendo, é lógico que para Paulo Jove, o grande poder mediador urbano seja uma cidade que não o Rio de Janeiro. O drama de Paulo é o drama do “homem de dentro” que sofre uma frustração de personagem preso na grande cidade. O modelo romanesco balzaquiano seria *A prima Bette*. O drama de Isaías Caminha seria obviamente o drama do “homem de fora” cujo desejo real é chegar à grande cidade na ânsia da conquista, para lá viver, ter sucesso, ascender; ou seja, o modelo romanesco oitocentista do qual Lima Barreto lançou mão era o do romance do arrivismo – importante subgênero que oferece talvez o espaço mais instigante do desejo metafísico girardiano. Tanto para Paulo Jove como para Isaías Caminha o mediador poderia mudar, mas o desejo permanece o mesmo. Para Caminha, as mudanças de mediador são freqüentes (esses não passam, por si-

nal, de metonímias da metrópole), especialmente no primeiro capítulo do romance barretiano, dados os sonhos arrivistas fortes de nosso protagonista: Napoleão, o livro de auto-ajuda *O poder da vontade*, o Rio... “cidade grande, cheia de riqueza” e o pergaminho da carta doutoral que abrirá qualquer porta:

Ah! Doutor! Doutor!...Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários, polifórmicos...Era um *pallium*,⁸ era alguma coisa como clâmide sagrada, tecida com um fio tênue e quase imponderável, mas a cujo encontro os elementos, os maus olhares, os exorcismos se quebravam. (BARRETO, 2003, p. 26)

O paradigma romanesco balzaquiano neste caso, portanto, seria *Ilusões perdidas*. É interessante notar que precisamente os dois títulos balzaquianos que se encontram na estante do memorialista Isaías Caminha, nosso protagonista-narrador, são *Ilusões perdidas* e *A prima Bette*. (BARRETO, 2003, p. 65)

Isaías Caminha, então, sai de seu lugarejo no Espírito Santo para tentar a sorte na capital. O tio dirige-se ao coronel local para pedir uma carta de apresentação ao deputado Castro no Rio. Chegado à capital, o Castro não atende. Sem apoio, sem trabalho e os poucos fundos esgotados, um jornalista romeno que conhecera nos primeiros dias no Rio se compadece dele e consegue-lhe um posto de contínuo, na redação do jornal nacional, *O Globo*. Na segunda metade do romance, Isaías relata a sua carreira jornalística até renunciar ao ofício. É nomeado escrivão de coletoria na cidade de Caxambi, Espírito Santo. Alguns anos depois, resolve escrever as memórias de seu tempo no Rio.

No mundo romanesco realista clássico, o protagonista é irresistivelmente atraído pelo espaço metropolitano. Além de *Ilusões perdidas*, lugares clássicos europeus podem ser *Vermelho e negro* de Stendhal, *Grandes esperanças* de Dickens, *Madame Bovary*, *O primo Basílio* de Eça, e no Brasil, *Casa de pensão* de Aluísio ou *Quincas Borba*, de Machado. Dentre eles, Lucien de Rubempré, Julien Sorel, Pip, Amâncio de Vasconcelos e Rubião são todos, evidentemente, “homens de fora”. Os narradores das histórias deles relatam essa atração da cidade num processo de sedução e traição psicológicas e físicas. É isso o romance de arrivismo. *Recordações do escrivão Isaías Caminha* não

foge à regra. Para Isaías Caminha, “homem de fora”, o título de “doutor” e a grande cidade são os modelos ou mediadores que geram suas ações – e o escravizam implacavelmente.

O realismo-naturalismo é trágico porque supõe no comportamento humano o irremediável, e, portanto, o inevitável – tanto no caso do homem ou da mulher “de fora”, como no caso do homem ou da mulher “de dentro”. No caso de Lucien de Rubempré, Ema Bovary, Luísa e Amâncio Vasconcelos, surge a poesia mórbida da corrupção e da degenerescência, da queda de um ser humano. Coelho Neto consegue relatar admiravelmente esse processo em *Turbilhão* – romance que começa de modo balzaquiano, mas termina no estilo de romance naturalista e decadentista, anunciado por Flaubert e desenvolvido por outros, nas últimas décadas do século XIX. Será esse modelo romanesco fora de lugar na virada do século XIX para o século XX? Seja como for, eis a temática e a estrutura de *Turbilhão*. O bovarismo de Paulo Jove faz com que ele rejeite tanto o espaço do trabalho, que supõe o mundo jornalístico, como a sala de aula. Coelho Neto designa aquele espaço de trabalho com uma metáfora: a colméia, mas isso não passa de simples retórica realista calcada em Balzac – uma metáfora oca no contexto, sem transcendência:

A colméia fervilhava. Os compositores – uns de pé, em mangas de camisa; outros em altos bancos, em quatro filas paralelas, estendidas ao longo da sala, cabisbaixos, à luz branca e viva das lâmpadas, precipitavam os dedos nos caixotins, enchendo os componedores com um trepidar metálico de gotas d'água em zinco. (NETO, 1967, 30-31)

Em *Recordações do escrivo Isaías Caminha* a mesma metáfora, como a quase totalidade das metáforas de que Lima Barreto lança mão, nesse seu romance mais metafórico, é orgânica:

Aquela casa, como todas do seu feitio, em que se fabricam novidades para o público, era uma colméia de gênios. Colméia é bem o termo porque era pequena e acanhada. Os redatores escreviam uns em cima dos outros; na revisão, que ficava misturada com a composição, não se podia andar; e pela noite os bicos de gás sem vidros iluminavam tudo aquilo lobregamente, com grandes hiatos de sombras como um porão de navio. Pela sala em que esses dois departamentos funcionavam, flutuava um forte odor de urina, desprendido de um mictório, que existia entre duas caixas da tipografia. (BARRETO, 2003, p. 101)

Uma colméia é uma mistura de casa e fábrica, mas o que produz é doce. No caso da colméia de *O Globo*, o cheiro é amargo, antipático, repugnante. A sua produção no mundo metafórico tão logicamente evoluído pela narração neopicaresca é também amarga. E a tragédia nesse segundo romance realista-naturalista urbano? Encontra-se no inexorável triunfo daquela colméia tão amarga. A causa do impulso para narrar seus tempos no Rio é explicada por Isaías no prólogo às suas memórias: o estigma racista do sangue misturado que estimula o narrador a produzir uma resposta escrita. Suas lembranças pretendem apoiar sua própria tese, começando com o preconceito racial da qual ele mesmo fora vítima em seus primeiros tempos no Rio. Noutro trabalho, alguns anos atrás, tentamos demonstrar que a consciência de sua própria fraqueza estimula Isaías à autojustificação que se transforma, na segunda metade do romance, em confissão. A sua experiência de contingência com o poder da imprensa leva-o a fazer um balanço da forma como *O Globo* controla e molda a produção de estados de espírito. A passagem de Isaías pelo “mar” do Rio Janeiro e a homenagem que ele presta ao “santuário” de *O Globo* são a preparação para a sua carreira de escritor e o relato de sua queda e corrupção. A presença dominante de *O Globo* no seu passado inexoravelmente demonstra o quanto o jornal deve ser importante em qualquer tentativa de explicação do seu presente. (OAKLEY, 1998) E este presente, o posto de escrivo de coletoria, obtido à sombra do poder, é vitória ou fracasso? Será ele um Pip ou um Lucien? Com certeza, a rejeição da terra prometida coloca Isaías na estrada da redenção. O segundo ato com vista à redenção será seu gesto de estabelecer em forma escrita não uma celebração ou justificativa do mulato brasileiro, mas antes, a saga das ilusões perdidas do jovem escritor nascente. (FANTINATI, 1978)

Será que Coelho Neto saiu do cânone brasileiro por ser o seu mundo romanesco de interesse só naquela fase do naturalismo decadentista finissecular? A moda nunca voltou; ao passo que *Recordações do escrivo Isaías Caminha* (inserido no subgênero realista-naturalista, mas não decadentista) nunca deixou de ser pertinente para uma sucessão de gerações de crítica literária: em vida de Lima Barreto pela sátira atualíssima; nos anos de *entre deux guerres* e depois, mercê a seu engajamento político e social e, na virada do milênio talvez por suas credenciais metapoéticas. Bode expiatório tanto dos modernistas como de Lima Barreto, Coelho Neto revela-se ao longo da sua obra prima um romancista cujo “grande

talento” o próprio Lima não negava em 1918. A narração do enlouquecimento e triste fim da criada negra de D. Júlia é digna da pena de um Lima Barreto. A força descritiva e a magnífica plasticidade no retrato de Mamede, Ritinha e o cortiço sórdido no qual eles se movimentam, mostra o discípulo talentoso de um Zola, um Eça ou um Aluísio. *Turbilhão* é a história zolesca do declínio e da desagregação de uma família classe-média baixa carioca dos 1900. *Recordações do escrивão Isaías Caminha* tomou outros rumos.

ABSTRACT: The object of this essay is to compare two of the most celebrated novels published in the carioca *Belle époque*, trying to place them not only in the history of Brazilian realist-naturalism but also in a 19th century European urban realist context. The study includes some observations concerning the canonical fate of the two novelists concerned.

KEY WORDS: Coelho Neto, Lima Barreto, arrivism, realism, Belle Époque.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Obras*. São Paulo: Brasiliense, v. 13, 1956.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Recordações do escrивão Isaías Caminha*. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- FANTINATI, Carlos Erivany. *O profeta e o escrивão: estudo sobre Lima Barreto*. Assis-São Paulo: ILHPA-HUCITEC, 1978.
- GIRARD, René. *Mensonge romantique et vérité romanesque*. Paris: Grasset, 2001.
- NETO, Henrique Maximiliano Coelho. *Turbilhão*. Rio de Janeiro: Clássicos Brasileiros, Copa de Ouro, 1967.
- OAKLEY, R.J. *The case of Lima Barreto and realism in the Brazilian “Belle époque”*. Lewiston, Queenston e Lampeter: Edward Mellen Press, 1998.